

NOS BASTIDORES DO SERMÃO DA MONTANHA: FUNDAMENTOS PARA UMA LEITURA TEOLÓGICA

Jaziel Guerreiro Martins²⁶

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi analisar os fundamentos teológicos do “sermão da montanha” a partir dos seguintes referenciais: Darby e Stott – o caráter e a natureza do reino dos céus; Dodd – a “ética absolutizante” de Jesus; Carson – o reino pregado por Jesus era dinâmico e não espacial; e, Calvino – o “sermão da montanha” é um resumo de variados discursos de Jesus. Foi utilizado o método dedutivo, mediante abordagem qualitativa; o tipo de pesquisa foi bibliográfico. O texto foi dividido em duas seções: a contextualização do “sermão da montanha”; e, perspectivas sobre os autênticos endereçados do sermão. Os resultados advindos foram: Mateus tentou reunir a ética de Jesus num só lugar; Mateus apresenta Jesus como novo legislador, o qual sobrepuja a lei em conteúdo e aplicabilidade; há incongruência no pensamento de que os ideais do sermão sejam impraticáveis hoje; o entendimento de que o momento para o estabelecimento e a aplicabilidade do sermão durante o milênio futuro é um equívoco escatológico; a ideia de que os preceitos do sermão só foram empregados durante o estabelecimento da mensagem de Cristo carece de uma hermenêutica sólida; a interpretação de que apenas o “sermão da montanha” é suficiente para o cristão torna-se uma ética de vida que exclui os aspectos doutrinários da fé; por fim, salienta-se que o sermão é uma série de princípios para a conduta do cristão de todos os tempos, de acordo com a lei predita que Deus colocaria na mente das pessoas quando estabelecesse um novo pacto com seu povo.

Palavras-chave: Reino dos céus; Lei; Ética; Cristão; Princípios.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa analisará os fundamentos teológicos do “sermão da montanha”²⁷ objetivando proporcionar ao leitor uma compreensão plausível sobre quem eram os endereçados que Jesus tinha em mente quando proferiu esses ensinamentos. A investigação parte do seguinte problema: quem Jesus teria em mente quando pronunciou seus ensinos éticos exarados em Mateus 5 a 7? Estaria ele pensando que os ideais do sermão seriam para todos os cristãos em todas as épocas

²⁶ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Mestre em Teologia pela Universidade de Birmingham, Inglaterra, e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. ORCID: 0009-0002-0284-1041, E-mail: jaziel@fabapar.com.br

²⁷ O “sermão da montanha” é um termo dado no transcorrer do tempo posterior e não faz parte do texto original de Mateus. O primeiro teólogo a chamar o texto com esse nome foi Agostinho. Como Jesus começou a “ensinar” e não a pregar, alguns preferem utilizar a expressão “ensino do monte” (Bruce, 1947, p. 95). Embora tecnicamente esta última seja a mais correta, utiliza-se, neste artigo, as duas expressões intercambiavelmente, haja vista que ensino e pregação estão muito próximos na evangelização cristã.

ou seriam totalmente impraticáveis hoje em dia? Pensara ele que o momento para o estabelecimento e a aplicabilidade do sermão seria durante um milênio futuro em que ele reinaria literal e fisicamente em Jerusalém? Os preceitos do sermão só seriam empregados durante o estabelecimento do reino dos céus no primeiro século? Seria o “sermão da montanha” um código de ética suficiente para o cristão, tornando-se os aspectos doutrinários da fé obsoletos e desnecessários?

Para responder a essas indagações é imperativo analisar o caráter do reino dos céus apresentado por Jesus nos capítulos 5 a 7 de Mateus, bem como verificar a atitude exigida das pessoas que deverão fazer parte desse reino. No capítulo 4 Jesus tinha vencido o grande adversário, satanás, e anunciado a chegada do reino dos céus. A partir do capítulo 5, Mateus proporciona o ensino de Jesus acerca das verdadeiras características, segundo as quais o reino seria estabelecido, quem entraria nele e de que forma. O texto de Mateus 5 a 7, portanto, trata do caráter e da natureza do reino dos céus e de seus participantes (Darby, 1985, p. 56). Isso demonstra claramente a posição moral que esse “sermão da montanha” ocupa no ensino do Senhor. A ética apresentada no “ensino do monte” é a ética absoluta do reino dos céus (Dodd, 1956, p. 84).

Para o desenvolvimento do artigo será utilizado o método dedutivo, mediante abordagem qualitativa; o tipo de pesquisa será bibliográfico, a partir de referenciais da academia teológica, como J. N. Darby, J. R. W. Stott, D. A. Carson, C. H. Dodd e J. Calvino, dentre outros. O texto será dividido em duas seções: em um primeiro momento, analisar-se-á o contexto do “sermão da montanha”, apresentando o local da fala de Jesus, o objetivo e o propósito do escritor do Evangelho, bem como a estrutura literária do texto e as diferenças existentes para com o texto do Evangelho de Lucas. Em um segundo motivo, analisar-se-ão as diversas perspectivas existentes na academia sobre os autênticos endereçados do sermão da montanha, procurando chegar em uma posição plausível para a aplicabilidade do sermão da montanha na vida do cristão da atualidade.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO SERMÃO DA MONTANHA

O magnífico tema desses três capítulos de Mateus é o “reino dos céus”, expressão frequentemente usada por Mateus, tendo o mesmo sentido de “reino de Deus”, termo usado por outros autores do Novo Testamento. Mateus, como muitos

judeus do seu tempo, evitava usar a palavra “Deus”. Para eles era uma palavra muito sagrada, sublime demais; por isso usavam eufemismos em seu lugar, como “céus”. A ideia de reino dos céus ou reino de Deus em o Novo Testamento é sobretudo dinâmica e não espacial. Não se trata tanto de um reino com fronteiras geográficas. A ideia principal é a de domínio e autoridade do rei ou soberania (Carson, 2018, p. 11-12). Daí, o uso do termo “reino dos céus” por Mateus: ele é eterno e abarca tudo. Não há ninguém que esteja fora dele. A partir do momento da ressurreição e exaltação de Jesus toda essa divina soberania passou a ser mediada por Cristo, que recebe do Pai todo poder e autoridade.

O chamado “ensino da montanha” deve ser visto nesse contexto do ensino de Jesus nas sinagogas ao pregar o evangelho do reino dos céus. O texto delineia o arrependimento e a retidão, que fazem parte do reino; isto é, descreve como ficam a vida e a comunidade humana quando se colocam sob o governo da graça de Deus. Jesus enfatizou que os seus verdadeiros discípulos, os cidadãos do reino dos céus, tinham de ser inteiramente diferentes. Não deveriam tomar como padrão de conduta as pessoas que os cercavam, mas sim, o próprio Deus e, desta forma, provar que era filhos genuínos do Pai celestial (Stott, 2001, p. 5).

O autor do Evangelho de Mateus usa e segue o mesmo esboço histórico de Marcos; ao fazê-lo, entretanto, percebe que faltava muito material acerca dos ensinamentos do mestre. Por conseguinte, resolve dar aos seus leitores originais um tipo de compêndio dos ensinos de Jesus Cristo. Assim, ele arranja o seu material didático em cinco grandes blocos, rearranjando os acontecimentos históricos ao redor dessas seções didáticas (Martins, 2023, p. 34). Assim, o plano geral de apresentação de Mateus foi agrupar os ensinos de Jesus nesses cinco blocos distintos, ajuntando palavras, ensinos e sermões proferidos por Jesus repetidas vezes e em diferentes lugares. Em volta desses cinco blocos de ensino, Mateus edificou o seu Evangelho e sua cronologia de acontecimentos históricos. Ou seja, sua preocupação não foi a ordem dos acontecimentos em termos cronológicos.

Por conseguinte, ao se confrontar o texto de Mateus com os outros dois Sinóticos, Marcos e Lucas, percebe-se que ele nem sempre segue a mesma ordem cronológica daqueles e isso ele faz de forma proposital devido a sua finalidade de mostrar da melhor maneira possível os ensinos de Cristo. Portanto, se quisermos uma

sequência cronológica dos acontecimentos devemos ir ao Evangelho de Lucas e não a Mateus, pois este não teve a intenção de preservar a ordem dos eventos.

O primeiro dos cinco blocos (capítulos 5 a 7) é atualmente conhecido como o “sermão do monte”. Esse bloco, na verdade, não foi um único discurso de Jesus proferido de uma só vez; trata-se de um compêndio de ensinamentos reunido pelo autor por motivos didáticos e pedagógicos. Em Lucas, esses ensinos estão espalhados ao longo dos capítulos, pois Lucas se preocupa com o local e o tempo em que foram ditos. O propósito de Mateus é compilar os ensinos de Jesus por temas e reuni-los em grandes blocos, como esse texto dos capítulos 5 a 7. O propósito de Mateus é dar a interpretação de Cristo sobre a lei de Moisés. Assim, ele fornece nessa grande seção o novo Sinai (a montanha), a nova Lei, e o novo Moisés, que é Cristo.

É um aspecto bem visível da prática editorial de Mateus em juntar em seu texto determinados ensinamentos de Jesus que estão relacionados entre si. Um outro grande exemplo disto é a sua série de sete parábolas de Jesus em Mateus 13, um dos seus blocos de ensinamentos do mestre. Da mesma forma, o “sermão do monte” representa uma coleção de pronunciamentos de Jesus habilmente ligados pelo evangelista em forma de ensino. Pode ser possível que uma comunidade cristã primitiva tivesse essa junção, da qual Mateus o teria recebido (Stott, 2001, p. 9). Consequentemente, o plano de Mateus era de reunir num só lugar os pontos principais da doutrina de Cristo que se relacionavam com uma vida devota e santa. Como resultado, o “ensino da montanha” é, então, um pequeno resumo extraído de muitos e variados discursos de Jesus (Calvino, 1845, p. 258-259).

Há ainda uma sugestão apresentada por A. B. Bruce em seu comentário publicado no século XIX. Ele acreditava que o material contido em Mateus 5 a 7 representava a instrução em uma única ocasião, não de uma simples hora ou dia, mas de um período de retiro, conjecturando que Jesus poderia ter reunido consigo os seus discípulos no monte para uma espécie de acampamento de verão ou retiro de carnaval (Bruce, 1947, p. 94). Entretanto, o fato de alguns versículos do texto estarem salpicados aqui e acolá no relato de Lucas, remove peremptoriamente esta sugestão apresentada.

Mateus faz questão de dizer que Jesus subiu ao monte para ensinar a fim de traçar um paralelo entre Moisés, que recebeu a lei no monte Sinai, e Jesus Cristo, que agora explica aos seus discípulos as consequências dessa lei. O local da proclamação

de Cristo seria em um monte junto às praias ao norte do lago da Galileia. Mateus quer mostrar aos seus leitores que Jesus é maior do que Moisés, sua mensagem é mais evangelho do que lei, e ele também escolheu 12 apóstolos para formar o núcleo de um novo Israel que corresponde aos 12 patriarcas e tribos da antiguidade.

Por conseguinte, Mateus apresenta Jesus como mestre e Senhor divinamente autorizado para dar sua própria interpretação autorizada da lei de Moisés, sobrepujando-a em conteúdo e aplicabilidade, e enunciando mandamentos e esperando obediência dos seus seguidores. Até mesmo convidou mais tarde os seus discípulos a tomarem o seu jugo, ou seja, submeterem-se aos seus ensinos, assim como anteriormente os judeus carregaram o jugo da lei de Deus (*Torah*) (Stott, 2001, p. 7). Embora Mateus não compare explicitamente Jesus a Moisés e não se possa reivindicar mais do que isso no “sermão da montanha”, a essência da nova lei, o novo Sinai e o novo Moisés estão plenamente presentes no texto (Davies, 1989, p.108).

Há algumas diferenças entre Mateus e Lucas na apresentação daquilo que está inserido nos capítulos 5 a 7 de Mateus:

- a) o chamado “sermão da montanha” em Mateus é o “sermão da planície” em Lucas;
- b) em Lucas o material desse ensino é apresentado mais tarde no ministério do Jesus, após certo número de milagres, e depois de haver selecionado todos os doze apóstolos; em Mateus, o sermão aparece antes dos milagres e após haver escolhido apenas quatro dentre os seus discípulos;
- c) dos 107 versículos contidos em Mateus, Lucas possui apenas 30, ou seja, a narrativa de Mateus é mais de três vezes mais longa que a de Lucas;
- d) Das oito bem-aventuranças de Mateus, Lucas tem apenas quatro;
- e) Lucas acrescenta quatro *ais* que não estão contidos em Mateus (Lucas 6.24-26);
- f) Lucas tem algumas poucas palavras introdutórias que não se encontram em Mateus (Lucas 6.39,45);
- g) determinado número de versículos do “ensino da montanha” de Mateus é utilizado em diferentes lugares por Lucas, sem nenhuma conexão a qualquer mensagem proferida em um monte ou em uma planície.

Portanto, é possível que Jesus tenha feito diversos ensinos que contivessem muitos dos elementos dos capítulos 5 a 7 de Mateus, ora na montanha, ora na planície e em diversos outros lugares.

Um aspecto que precisa ser lembrado aqui é que o texto de Mateus tem por objetivo comunicar o evangelho a uma determinada comunidade de cristãos judeus que tinha suas próprias necessidades (Mainville, 2002, p. 189). Essas demandas dos leitores originais do livro revelam uma intencionalidade na seleção de Mateus do que Cristo ensinou. E não apenas isso, mas revela também sua organização sistemática de comunicar os ensinos do mestre. Isso explica a diferença na estrutura de Mateus em relação a Lucas, que, a despeito de apresentar grande parte do conteúdo do “sermão da montanha”, não o faz de forma unificada como o primeiro, procurando seguir exatamente o local e o momento em que Jesus teria proferido esses ensinamentos.

As omissões de Lucas são coerentes com o plano e os propósitos do seu livro, isto é, as passagens omitidas tratam de assuntos que geralmente já eram omitidos por ele. Na realidade, o médico amado destina o seu Evangelho a alguém que não tinha as mesmas necessidades dos destinatários de Mateus, cujos temas eram de interesse exclusivamente de leitores judeus (Childers; Earle; Sanner, 2014, p. 395). Por outro lado, o fato de que Lucas inclua algum material de ensinamento ético que Mateus não apresenta vem demonstrar que nem mesmo Mateus relatou tudo o que Jesus disse a respeito da ética exigida por Jesus a quem entra no reino (Carvalho, 2017, p. 12).

O fato de o evangelista Mateus não estar registrando um discurso único de Jesus proferido de uma só vez, mas, sim, ajuntando e organizando pequenos grupos de ditos de Jesus sobre a ética e o discipulado no reino dos céus feitos em várias ocasiões durante o seu ministério, faz com que a expressão “sermão da montanha” pela qual esta sessão é geralmente conhecida, seja algo enganoso. Isso se confirma também pelo fato de que mui dificilmente qualquer mestre condensaria tanta instrução em um único ensino (Taker, 2007, p. 47).

2. PERSPECTIVAS SOBRE OS AUTÊNTICOS ENDEREÇADOS DO SERMÃO

A passagem de Mateus 5 a 7 é um dos mais famosos e extraordinários textos de todo o Novo Testamento. A implantação do reino dos céus por Jesus requeria tanto

uma nova lei quanto um novo legislador; em Jesus e em suas palavras são encontradas tanto uma coisa quanto a outra. A mensagem de Jesus neste trecho das Escrituras é dirigida ao novo Israel, a saber, a igreja, e não ao antigo Israel, o que é manifesto no transcorrer do Evangelho.

Alguns têm ensinado que todo esse discurso de Jesus seria ao Israel físico e, portanto, adiam a sua aplicação até a chegada de um possível milênio futuro em que Jesus estabeleceria um reinado político e terreno em Israel. Segundo este ponto de vista, conhecido como “dispensacionalismo”, os ensinos do “sermão do monte” não tem nada a ver com os cristãos modernos. Dizem os dispensacionalistas que Jesus começou a pregar sobre o reino dos céus e que a sua pregação tinha vinculações com a inauguração desse reino. Infelizmente, dizem eles, os judeus não creram na doutrina ensinada por Jesus; assim, ele se viu incapacitado de estabelecer o reino e, por conseguinte, resolveu estabelecer a igreja e morrer na cruz, como reflexão tardia a partir da frustração por não poder estabelecer o reino teocrático e terreno em Jerusalém.

Portanto, os dispensacionalistas propagam a ideia de que estamos em um período de interstício de desenvolvimento da igreja até que venha o momento propício para o estabelecimento desse reinado físico e terreno de Jesus em Jerusalém. Após esse período, Jesus retornará a fim de inaugurar o reino dos céus e será reintroduzido o “sermão da montanha. Logo, para os dispensacionalistas o “sermão do monte” se destinava exclusivamente ao povo para quem Cristo estava pregando, não está em vigor atualmente e voltará a funcionar durante um chamado milênio terreno (Lloyd-Jones, 2018, p. 13-14). Assim, o “ensino do monte” seria a lei daquela época de Jesus e de um reino milenar futuro, nada tendo a ver em absoluto com os cristãos que vivem nesse intervalo de tempo.

No entanto, isso é um grave equívoco, pois o ensino de Jesus aqui visa a conduta cristã ideal pelo fato de a igreja cristã ser o novo Israel de Deus. A ideia de um reinado milenar terreno de Cristo em Jerusalém no futuro é muito questionável na academia teológica e não pode ser tomada como um aspecto escatológico concreto. É óbvio que Jesus proferiu essas palavras aos ouvidos dos judeus, mas da maneira como elas são usadas pelo evangelista fica clarividente que elas se aplicam à igreja de todos os tempos, pois o Evangelho de Mateus é também o “Evangelho da igreja”: é o único Evangelho em que aparece literalmente a palavra igreja, nos capítulos 16 e

18. Ou seja, os ensinos de Mateus 5 a 7 são verdadeiramente para nós que vivemos nesse tempo em que a igreja está estabelecida.

Outra interpretação similar à anterior é apresentada por determinados intérpretes do texto que advogam que, quando Jesus pronunciou estes ensinos, ele não tinha em vista a igreja atual e que seus preceitos não podem ser praticados nos dias de hoje, sendo ensinamentos totalmente sem sentido para as condições existentes em tempos atuais. Seria uma espécie de “ética provisória” a ser empregada durante a implantação do reino dos céus, a saber durante o início e estabelecimento de sua mensagem, e não uma ética permanente a ser seguida por toda a sua posteridade. Neste caso o “sermão da montanha” seria uma espécie de “lei marcial” que só a emergência da implantação do reino poderia justificar enfaticamente, mas não seria uma ética para o cotidiano do cristão do futuro (Jeremias, 1977, p. 16).

No entanto, esta perspectiva só pode ser sustentada quando ela é unida a uma interpretação estupidamente literal de passagens como 5.29,30,34. É preciso entender que determinadas afirmações do mestre eram para ser apreendidas de forma figurada, interpretadas à luz de seus contextos específicos e conforme o seu dilatado desígnio espiritual e ético. Quem assim faz, percebe de forma nítida que Cristo trata dos princípios fundamentais de conduta ética que permanecem os mesmos em todas as épocas. Jesus, durante sua vida terrena, jamais limitou o seu horizonte às pessoas que viviam durante o tempo, mas contemplava os que viriam a existir no futuro.

Contrariamente a estes indivíduos que subestimam esse discurso de Jesus, há aqueles que superdimensionam o “ensino da montanha”. Os que assim pensam, advogam que tudo o que se precisa saber para se viver como cristão está contido no “sermão da montanha”. Para estes o “sermão do monte” não possuiria teologia, nem doutrina, mas somente ética que seria fundamental e suficiente para o cristão (Hendriksen, 2001, p. 365). Obviamente, este é um procedimento totalmente equivocado, pois eles aceitam o “sermão do monte” e rejeitam outros ensinos do mesmo Jesus, que exige arrependimento e fé nele, como Senhor, Salvador e juiz. Não levam em conta o ensino dos Evangelhos que atesta a doutrina da expiação pelo sangue de Jesus como basilar para a vida do cristão. Não há como escolher entre os ensinos de Cristo, aceitando um e rejeitando o outro.

Alguns estudiosos do “sermão da montanha”, encarando a realidade nua e crua da perversidade humana, têm concluído que os padrões ali exigidos por Cristo são inatingíveis. Afirmam que os seus ideais são extremamente nobres, mas impraticáveis; são atraentes à imaginação, mas impossíveis de se cumprir (Stott, 2001, p. 14). De acordo com Merz e Theissen, o reformador Lutero considerava o “sermão do monte” não como evangelho, mas como lei que não pode ser cumprida: asseveram ainda que este pensamento teve continuidade na ortodoxia luterana (Merz; Theissen, 2004, p. 623). Em seu clássico *Culpa e Graça*, o médico e psiquiatra suíço Tournier entende que nenhuma das exigências do “ensino do monte” é plenamente realizável (Tournier, 2015, p. 146). Pettingill assevera que o “sermão da montanha” é pura lei e o cristão não está debaixo da lei, mas da graça; e, portanto, não pode e nem deve cumpri-lo (Pettingill, s.d., p. 57-58).

No entanto, Jesus está demonstrando que agora não é mais o tempo antigo, obsoleto, no qual ninguém conseguia guardar a lei; estamos em um novo tempo, adequado, profetizado e aguardado pelos profetas em que a lei de Deus não estaria mais escrita de forma fria e rígida em tábuas de pedra, mas no coração dos seres humanos. Jesus transforma as regras da lei em princípios geradores de vida que podem ser cumpridos pelo fiel com a ajuda do Espírito Santo. O Espírito conduziu Jesus para que ele pudesse cumprir plenamente toda a lei de Deus; e, o mesmo Espírito ajuda a cada cidadão do reino dos céus a ter a possibilidade de, potencialmente, executar as exigências exaradas no código de ética do “sermão da montanha”. Outrossim, mediante a sua morte e ressurreição, Jesus atribui a sua justiça a todos quantos nele creem. Por isso, há um reflexo da santidade interior que o Espírito Santo implanta naqueles que o conhecem e estes poderão obedecer ao padrão ético exigido por Jesus (Shedd, 2012, p. 11-12).

É claro na exposição do “ensino do monte” que Jesus confia que seus discípulos farão o que se exige. Ele faz um apelo positivo à vontade da pessoa. O fim do texto do “sermão da montanha” o demonstra claramente nas quatro imagens da porta estreita e da porta larga, da árvore boa e da árvore má, das pessoas comparecendo perante o trono de Deus no juízo final, e da casa construída sobre a rocha ou sobre a areia (7.13-27). Jesus demonstra que todo discípulo deve aplicar a si mesmo as diretrizes de seu ensino, pois elas mostram o caminho da porta estreita, a saber, o caminho do reino dos céus (Jeremias, 1977, p. 15-16). Por isso, deve-se

rejeitar essa teoria de um ideal inatingível, exemplo típico do que sucede no meio luterano, quando se interpreta Jesus por Paulo, em vez de se interpretar Paulo por meio de Jesus²⁸.

É assaz importante verificar que os ensinos do mestre nesta passagem não proporcionam conceitos que seriam inteiramente novos nas Sagradas Escrituras; Jesus se utiliza das ideias do Antigo Testamento e, de vez em quando, faz citações rabínicas. O grande mestre possuía uma habilidade característica no ensino que consistia em reconhecer e escolher material de valor especial da tradição dos judeus, pondo de lado determinados aspectos que são inúteis ou frouxos (Trawick, 1984, p. 44). Jesus dá vida ao que há de melhor nos ensinos do judaísmo, transformando regras frias e exteriores em princípios internos vívidos no âmago do indivíduo.

Por conseguinte, a lei anunciada por Jesus no “ensino da montanha” não é nenhum código de regras exteriores que possa ser adotado literalmente, mas sim uma série de princípios e ideais para a conduta do cidadão do reino dos céus de acordo com a lei que Jeremias predisse que o Senhor colocaria na mente das pessoas e lhes registraria no coração quando estabelecesse um novo pacto com eles (Jeremias 31.33). No entendimento de Dodd, os preceitos de Cristo não são definições estatutárias, como as do código mosaico, mas sim indicações da qualidade e da direção de ação que devem ser evidentes mesmo nas mais simples atitudes (Dodd, 1967, p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “sermão da montanha” foi endereçado inicialmente aos seguidores de Jesus Cristo com a intenção de que fosse a constituição ou o sistema de leis e princípios que governariam e súditos do rei no seu reinado. Era para todos os que reconhecessem Cristo como rei. Quando Cristo estava na terra, sua aplicação direta era aos discípulos dele; agora que nosso Senhor reina nos céus, aplica-se a todos os que o coroaram como rei no coração. Ele é o código de comportamento dos seguidores de Cristo durante todo o período do cristianismo (Macdonald, 2008, p. 21). O sermão tem um sabor distintamente judaico, como visto nas alusões ao sinédrio

²⁸ Joaquim Jeremias chama isso de “exegese paulinizante” em sua obra. Seria na verdade, uma eisegese e não exegese. Exegese é retirar o que está dentro do texto para fora; eisegese, ao contrário, é inserir algo de fora para dentro do texto. Por isso, eisegese seria uma análise ao contrário, às avessas e, logo, uma exegese tendenciosa.

(5.22), ao altar (5.23-24) e a Jerusalém (5.35). Mesmo assim, seria errado dizer que os ensinamentos ali exarados são exclusivamente para os cristãos israelitas no passado. Pelo contrário, os ensinamentos são para todos aqueles que, em qualquer época, reconhecem Jesus Cristo como rei.

Os parágrafos do “ensino da montanha” traçam um contraste entre o padrão do cidadão do reino e o padrão daquele que não pertence ao reino. É um tema unificador do sermão, sendo tudo mais uma variação dele. Às vezes, Jesus contrasta os seus discípulos com os gentios ou com as nações “pagãs”. Em outros pontos, Jesus contrasta os seus discípulos não com os gentios, mas com os judeus, ou seja, com pessoas religiosas do judaísmo. Jesus especificamente os contrasta com os escribas e fariseus (Jeremias, 1977, p. 38). Os escribas eram mestres de teologia, que tinham algum estudo; os fariseus eram leigos piedosos de todas as camadas da sociedade. Assim, os discípulos de Jesus têm de ser diferentes tanto dos líderes judaicos quanto dos chamados “pagãos”.

REFERÊNCIAS

BRUCE, A. B. **Commentary on the Synoptic Gospels**. London: Hodder, 1947.

CALVINO, John. **Commentary on a harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke**. London: Eerdmans, 1845.

CARSON, D. A. **O sermão do monte**: exposição de Mateus 5-7. São Paulo: Vida Nova, 2018.

CARVALHO, César M. **O sermão do monte**: a justiça sob a ótica de Jesus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CHILDERS, C. L.; EARLE, R.; SANNER, A. E. **Comentário bíblico Beacon**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

DARBY, J. N. **Mateus – Marcos**. Lisboa: Literatura Cristã, 1985.

DAVIES, W. D. **The setting of the sermon on the mount.** Cambridge: University Press, 1989.

DODD, C. H. **The bible today.** Cambridge: University Press, 1956.

DODD, C. H. **The Gospels and the law of Christ.** Cambridge: Longmans, 1967.

HENDRIKSEN, William. **Mateus:** comentário do novo testamento. Vol.1. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

JEREMIAS, J. **O sermão da montanha.** São Paulo: Paulus, 1977.

LLOYD-JONES, M. **Estudos no sermão do monte.** São José dos Campos: Fiel, 2018.

MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular:** versículo por versículo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MAINVILLE, O. **Escritos e ambientes do Novo Testamento:** uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Jaziel G. **Os Evangelhos & Atos.** Curitiba: A. D. Santos, 2023.

MERZ, A.; THEISSEN, G. **O Jesus histórico:** um manual. São Paulo: Loyola, 2004.

PETTINGILL, W. L. **The gospel of the kingdom.** Findlay: Fundamental Truths, s.d.

SHEDD, Russell P. **A felicidade segundo Jesus.** São Paulo: Vida Nova, 2012.

STOTT, John R. W. **A mensagem do sermão do monte.** 3. ed. São Paulo: ABU, 2001.

TASKER, R. V. G. **Mateus:** introdução e comentário. São Paulo: vida Nova, 2007.

TOURNIER, P. **Culpa e graça**: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho. Viçosa: Ultimato; São Paulo: ABU, 2015.

TRAWICK, Buckner B. **The New Testament as literature**: Gospels and Acts. New York: Barnes & Noble, 1984.